

Suzana Avelar¹, Profa Dra, EACH-USP-Leste

Beatriz Ferreira Pires², Profa Dra, EACH-USP-Leste

**Corpos permeados e Incisos: Moda e Tecnologias Cotidianas no Início
do Século XXI**

**Permeated and incised bodies: Fashion and daily technologies in the
beginning of the 21st Century**

Suzana Avelar (Têxtil e Moda/ EACH-USP-Leste)

suzana.avelar@usp.br

Beatriz Ferreira Pires (Têxtil e Moda/ EACH-USP-Leste)

beatrizferreirapires@usp.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo pontuar algumas questões sobre corpo, arte e novas tecnologias sob a ótica da moda na contemporaneidade.

Palavras-chave: Corpo, moda, tecnologias, contemporâneo

Abstract

This work aims to stress a few relevant elements about body, art and new technologies under fashion analysis, in contemporarity.

Key-words: Body, fashion, technologies, contemporarity

¹ Suzana Avelar é formada em Desenho de Moda pela Faculdade Santa Marcelina, com mestrado (FAPESP) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É autora do livro “Moda, globalização e novas tecnologias”, pela Estação da Letras e Cores. Atualmente é professora dos cursos de graduação e mestrado em Têxtil e Moda, da EACH, USP-Leste.

² Beatriz Ferreira Pires é professora e pesquisadora do Curso de Têxtil e Moda da EACH/USP. Possui Pós-Doutorado(Fapesp) pelo programa de Mestrado em Moda, Cultura e Arte/Centro Universitário SENAC-SP. Doutorado(Fapesp) em “Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte” - Faculdade de Educação/ Unicamp. Mestrado(CNPq) pelo Instituto de Artes/Unicamp. Graduação em Arquitetura e Urbanismo/PUCC. Autora dos livros: “O Corpo como Suporte da Arte”. Senac, 2005; “Corpo Inciso, Vazado, Transmudado - Inscrições e Temporalidades”. Annablume/Fapesp, 2009.

Introdução

Muito tem se discutido sobre a contemporaneidade sob a ótica das tecnologias mais recentes, principalmente aquelas ligadas às modificações corporais em suas potências e suas otimizações.

Para o presente artigo, abordaremos essas modificações corporais que desafiam compreensões mais tradicionais do corpo, seja em suas silhuetas, seja em suas outras possibilidades de corpos viabilizadas por algumas recentes tecnologias.

1- Bioarte e arte tecnológica

Desde a década de 1970, temos acompanhado alguns movimentos que enfatizam discussões sobre o papel do corpo biológico tradicional frente às intervenções biotecnológicas no caráter deste corpo. Stelarc (<http://stelarc.org/> .swf) foi, e continua sendo, um artista que vem colocando em questão o papel deste corpo tradicional numa atualidade que exige uma urgência em execução de maior número de atividades em curto espaço de tempo. Para lá de já comentado, com seu mote “O corpo é obsoleto”, Stelarc tangencia as ansiedades atuais que sobrecarregam este corpo e o impelem a encontrar soluções para otimizá-lo e cumprir atuações imediatas. Em suas propostas, o artista italiano constrói extensões para este corpo através de próteses mecânicas como verdadeiros robôs que fazem parte do funcionamento do corpo. Em outras soluções, ele compõe seu corpo com intervenções cirúrgicas e manipulações genéticas que se livram dos aparatos analógicos e mecânicos, passando a potencializar o corpo com suas próprias células, ou seja, com sua própria natureza.

Obviamente existem outros artistas que trazem à tona questões similares, tais como Orlan, Eduardo Kac, entre outros.

O que nos chama a atenção nessas propostas é que elas não se tornaram ultrapassadas mas sim, podem considerar muitos outros desenvolvimentos, muitos desses pela vertente da moda.

É o que vimos na exposição, “Technothreads”, acontecida em julho de 2008, (<http://www.sciencegallery.com/content/technothreads>) na Science Gallery, em Dublin, Irlanda.

Para além de tentar traçar limites e definições entre moda, arte, design, biotecnologia etc., o que nos importa é justamente o quanto tais propostas nos mobilizam em novas possibilidades de criação e ainda, o quanto inauguram outros caminhos para um contemporâneo muitas vezes entendente que clama por soluções digeríveis.

Além dessas obras expostas, importante também salientar o surgimento de galerias de arte que englobam as novas tecnologias em suas premissas, e consideram também a moda como um nobre meio para dissecar emergentes pulsões do corpo no cotidiano desse início de século XXI.

Em Boston, encontramos o Museum of Science que apresentou no ano de 2008, a exposição “Seamless: Computational Couture” (http://www.mos.org/events_activities/events_archive&d=2091), que dedicou o evento às propostas de novas tecnologias e os corpos vestidos, tocando nas prospecções que tanto agrada a indústria da moda.

Aqui no Brasil, as abordagens ainda são tímidas mas esperançosas. Algumas universidades estão desenvolvendo pesquisas mais objetivas sobre produtos tecnológicos digitais vestíveis, aplicações de nanotecnologia e bioquímica de ponta em tecidos e não tecidos para materiais hospitalares, grupos mais específicos como idosos e deficientes físicos. No que diz respeito àquelas pesquisas aliadas à criação de entretenimento e artística, se é que ainda podemos traçar alguma fronteira, temos nomes e grupos como: Luisa Paraguai e seus computadores vestíveis - que atuam como mediadores entre o corpo humano e o espaço no qual este está imerso -, Rachel Zuanon e Geraldo Lima e seu BioBodyGames - computação vestível, afetiva,

coevolutiva - que dependem de sistemas neurotransmissores, o Grupo NOMAD da USP-São Carlos e sua fachada residencial interativa , o “Ateliê de [Ciber]costura”, que foi parte da Mostra SESC de Artes 2010, com curadoria de Gabriela Carneiro, no qual as peças produzidas resultam do entrelaçamento de elementos e manipulações habituais com elementos e procedimentos advindos da tecnologia digital. Nossa produção nesse âmbito ainda se mostra em curso de geração mas com perspectivas de rápido crescimento.

O que vemos aqui é, além da concretização de trabalhos e pesquisas que unem áreas diversas, possíveis caminhos para entender o corpo vestido no contemporâneo em suas potências, urgências, angústias, explosões e novas descobertas. Esta aproximação vem certificar como somos permeados pelas tecnologias, de forma objetiva e contaminante. Não podemos negar as mudanças em nosso dia a dia e o quanto ainda temos por produzir.

2- Modern primitives

É notável as mudanças que temos visto em nosso cotidiano relativas às técnicas e tecnologias sobre o corpo. Cada vez mais, cotidianamente, nos deparamos com corpos pintados, tatuados, escarificados e possuidores de implantes estéticos sub e transdermal que não reproduzem formas humanas inatas. Alguns podem justificar tais aquisições apenas pela “moda”, outros acreditam que sejam devaneios de personalidades jovens e pulsantes. Podemos dizer que, para além dessas hipóteses, o fato é que há um desejo de ornamento sobre estes corpos que estão se tornando cada vez mais possíveis e variados e que estes têm rompido com o que é entendido como corpo tradicional.

Na medida que as tecnologias estão atuando em práticas de intervenção sobre e dentro desses corpos, as possibilidades de particularização se tornam mais tangentes. Ora, lembremos que seios e pernas podem ser comprados em “até dez vezes sem juros” e isso não pode

ser mais aterrorizante do que uma tatuagem sobre a pele pintada de cores, formas e texturas.

Um corpo como suporte da arte (PIRES, 2005), pode também vir permeado por gritos sagrados, em busca frenética e mudança, por reações do homem com algo a mais que ele mesmo. Os Modern Primitives têm nos colonizado nas imaginações e irrompido em nosso cotidiano, no mínimo, já há mais de cinquenta anos. Ligados a práticas de ornamentação do corpo guiam-se pela intuição “e colocam o corpo físico como o centro de suas experiências. Associam o conhecimento e a apreensão do mundo às sensações, “respondendo a impulsos primitivos e se utilizando do conhecimento obtido pelas sociedades que há milhares de anos praticavam modificações corporais”, permitindo experiências de manipulações corporais (PIRES, 2005; 102).

O corpo como meio de experiência e impregnação de nossas práticas, pode ser uma importante maneira de compreender as mudanças ontológicas sobre o corpo contemporâneo com possibilidades de superações ao tradicional mesmo e perpetuante.

O que nos importa nesta parte da discussão é o quanto nossos corpos estão expostos à possíveis atravessamentos tecnológicos, produzindo diversas possibilidades de afloramento, tais como estes corpos que se valem de tecnologias tão acessíveis, ainda que disparadas em outras situações de sociedades anteriores. Aqui, nesse caso em particular, existe uma relação entre dor e sagrado, muito conhecida de algumas religiões. Para além de qualquer julgamento, tais práticas pulsam a partir de desejos presentes no homem em quase toda a sua existência.

Ainda assim, lembramos de Steve Haworth com suas modificações corporais, em o que chama de modificações 3D. São implantes subcutâneos que alteram o corpo para além do biológico tradicional, remetendo a novos corpos, produzidos e projetados para em nada se parecerem com seres humanos. Se pensarmos que o virtual nos aproxima de nossas fantasias,

amenizando as fronteiras entre fantasia e realidade, falamos então, de corpos o mais próximos entre tais limites, ou seja, que mais enunciam e tocam na tenuidade das fronteiras entre uma e outra. Falamos de corpos que mesclam, misturam e entrelaçam possibilidades advindas de diferentes áreas de conhecimento.

3- Desfiles que apontam novas silhuetas com novos seres

Nesse sentido de corpos mutantes que aproximam do real as possibilidades vislumbradas neste espaço virtual, vemos algumas produções de silhuetas que, de forma similar, anunciam seres nas passarelas para além de corpos biológicos tradicionais.

Criadores como Walter van Beirendonck, Rei Kawakubo, Viktor and Rolf e Hussein Chalayan, entre os mais veteranos e, Gareth Pugh entre os mais novatos, muitas vezes aborrecem aqueles que esperam seres mesmos e novidades não muito inovadoras, ou ainda, rapidamente digeríveis, para o bem de um certo mercado. Estes representantes daquilo que mais desacomoda uma grande maioria, trazem o frescor mais delicado e intangível de forma curiosa e instigante, também viabilizadas e disparadas pelo imaginário das tecnologias digitais e das manipulações genéticas.

O que não se pode perder de vista é o quão saudável e imprescindíveis tais exposições na passarela dos grandes, ou menos portentosos, desfiles são para abalarem as estruturas de crenças rígidas e que resistem à estética de fluxos (ARANTES in SANTAELLA, 2008) tão própria do contemporâneo. Nestas pequenas amostras que apontam muitas novas ontologias do corpo humano, em seu aspecto cultural, social e, quem sabe, econômico.

Lidamos com um corpo permeado por desejos imediatos, atravessados por tecnologias de manipulação de mesma genética, desenhando e projetando um ser de mesmo humano bem como outros possíveis. Um exemplo seria o do *performer* Erik Sprague, conhecido como o Homem-lagarto (noticias.r7.com) que espera, com suas intervenções, ir se

distanciando cada vez mais daquilo que lembre um corpo humano. Na mesma linha, Beirendonck lida com elementos semelhantes em muitos de seus desfiles. Mais recentemente, este designer, enfatizou o universo masculino valendo-se de roupas compostas por cores, texturas e formas nada convencionais do tradicional masculino, abalando conceitos tão burgueses sobre este assunto.

Ainda, aqui no Brasil, João Pimenta deve ser seriamente considerado quando coloca a masculinidade para além daquela tradicional, ou seja, homens de cinza, preto ou azul-marinho, com formas retas, simples, homogêneas e limpas.

As criações destes dois últimos, entre outros que trabalham em universos similares de ideias, regozijam com as possibilidades exercitadas no espaço virtual e que, de fronteiras tênues, invadem aos poucos nosso cotidiano.

Conclusão

Como vimos neste artigo, é possível nos aproximar de algumas questões do nosso ambiente cotidiano sobre a ontologia do corpo humano em suas conotações cotidianas através da moda.

O curioso entrelaçamento cada vez mais próximo entre moda, tecnologias, engenharias, biologia, química, seja pelas artes ou pelas pesquisas biomiméticas, abrem novos espaços de percepção e dão vazão a novas formas de relações sociais e de gênero.

Também, falar em moda aproximando-se de seu suporte, o corpo, nos possibilita enveredar por outras frentes de discussão, que compreendem outras áreas de conhecimento, alargando o espaço de contribuição acadêmica. É notável como estes caminhos propostos por muitos âmbitos da moda podem culminar em novas pesquisas e indagações muito relevantes para o fortalecimento desta área, bem como para a inovação dos elementos,

materiais e procedimentos que a compõem. Tais pesquisas e indagações geraram novas formas de percepção que, certamente, em fluxo, anunciam novos elementos e procedimentos cada vez mais permeáveis e sensíveis a afecções.

Quando constatamos a ligação entre moda, galerias de arte e ciências, em países como Irlanda, EUA e Austrália, algo nos chama a atenção para o entrelaçamento cada vez mais claro e interdependente destas áreas.

Bibliografia

AVELAR, Suzana. *Moda, globalização e novas tecnologias*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

MESQUITA, Cristiane e Rosane Preciosa. *Ziguezague – interfaces e expansões*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

PIRES, Beatriz Ferreira. *O corpo como suporte da arte – piercing, implante, escarificação, tatuagem*. São Paulo: SENAC, 2005.

SANTAELLA, Lucia e Priscila Arantes. *Estéticas tecnológicas – novos modos de sentir*. São Paulo: EDUC, 2008.

Referências eletrônicas

<http://stelarc.org/> .swf

<http://www.sciencegallery.com/content/technothreads>

http://www.mos.org/events_activities/events_archive&d=2091

www.noticias.r7.com